



Lírico e épico, “Orfeu Mestiço” comprova maturidade de grupo

Por Luiz Fernando Ramos¹

Mistura de teatros. “Orfeu Mestiço: Uma Hip-hópera Brasileira”, do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, combina diversas teatralidades para revisitar a história política do Brasil durante os anos 60 e consolidar o estilo criado pelo grupo ao longo da última década.

Fruto de três anos de investigação em torno das raízes formadoras do povo brasileiro, o espetáculo reapresenta o mito grego de Orfeu não como mistério, mas como suporte para uma discussão sobre o desaparecimento de presos políticos na ditadura.

Essa opção condiciona a dramaturgia, em versos, e a bela encenação de Cláudia Schapira, propiciando tanto virtudes como problemas.

Poesia e imaginação

A trama é tecida sem linearidade, como um relógio que vagasse para frente e para trás ao sabor de um ponteiro movido pela poesia e pela imaginação.

O eixo em torno de que orbitam diversos tempos e situações é a história de Orfeu, um juiz do Supremo Tribunal Federal que viu na juventude seu amor, Eurídice, uma professora engajada em métodos revolucionários, sumir nos porões do regime militar.

A mobilidade da narrativa, conduzida pela atriz e MC (mestre de cerimônias, na tradição do hip-hop) Roberta Estrela D’Alva, que pontua todas as transições com sua presença arrebatadora, permite, além das idas e vindas, superpor diversas camadas de enunciação.

Excelência

É uma estratégia por vezes desviante, mas que quase sempre impacta.

A direção musical de Eugênio Lima e as coreografias de Luaa Gabanini, ambos em cena – ele como o Orfeu maduro, ela se desdobrando com talento em diversos papéis –, ao lado da sublime cenografia de Daniela Thomas – em diálogo com a tradição

¹ Crítica publicada no jornal Folha de São Paulo, em 24 de novembro de 2011.

do grupo e com a precariedade de seu espaço – e do extraordinário trabalho de vídeo de Tatiana Lohmann, alcançam o patamar da excelência.

Por outro lado, a tentação dos autores da montagem de tornar os personagens heróis imaculados (e de eles próprios se heroizarem) instaura uma solenidade e implica rodeios retóricos que beiram o barroquismo.

A profusão de elipses, se evita o didatismo, faz com que o que é narrado se torne prolixo e com que a poética cênica se dilua.

O Núcleo Bartolomeu se mostra maduro e senhor de uma linguagem própria.

Nesse seu mais ambicioso e bem realizado espetáculo, que se insere na corrente que vem inventando um modo brasileiro de fazer musicais, confirma tendência de outros grupos de sua geração de prospectar o passado à cata de perguntas para o futuro.

As utopias que resgatam de velhos baús, se reluzem, também lhes pesam e os atravancam como fantasmagorias paralisantes.

Mas o “Orfeu” que montam, híbrido de lírico e de épico, de ópera e de festa de terreiro, fala por si.